

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XIX
VOLUME 30
(JAN-JUN)
2019
P. 241-253.

**CAROLINA MARIA DE JESUS:
LITERATURA, ESPAÇO E HISTÓRIA**

Jessica Mara Rauli

Doutoranda em Educação na
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão sobre o papel da autora Carolina Maria de Jesus na construção do espaço simbólico de contestação de determinado *cânon*. Assim, busca compreender, a partir da experiência da autora, como o processo de exclusão de sua obra do cânone literário brasileiro apresenta aspectos de um sistema de dominação permeado de ideologia, e parte do pressuposto de que as obras canônicas passam por instâncias legitimadoras com um forte viés eurocêntrico. Para debater o caráter dessas produções, a metodologia escolhida baseia-se na contextualização da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (JESUS, 2007) e seu lugar no cânone da literatura brasileira por meio de uma bibliografia que nos permite discutir sua especificidade. No movimento de elaboração de uma epistemologia que responda às questões de um fazer literário embasado na experiência do segmento mais explorado de nossa sociedade, a autora se situa junto a escritores, poetas, artistas e ativistas negros, traduzindo sua realidade com a linguagem de quem vive a realidade da mulher negra favelada no Brasil.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Quarto de despejo; literatura; mulher negra.

ABSTRACT

The present work is a reflection on the role of the author Carolina Maria de Jesus for the construction of the symbolic space of contestation of a canon. Thus, it seeks to understand, from the author's experience, how the process of exclusion of her work from the Brazilian literary canon presents aspects of a system of domination permeated by ideology and part of the presupposition that canonical works pass through legitimating instances with a strong bias Eurocentric. To discuss the character of these productions, the chosen methodology is based on contextualization of the work “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (JESUS, 2007) and its place in the canon of Brazilian literature through a bibliography that allows us to discuss its specificity. In a movement to elaborate an epistemology that answers the questions of a literary work based on the experience of the most explored group of our society, the author stands next to black writers, poets, artists and activists, translating their reality with the language of who lives the reality of the black female favela in Brazil.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Quarto de despejo; literature; black woman.

Introdução

Diante das numerosas formas de resistência negra na luta pela manutenção da sua identidade pessoal e histórica, e em sua variedade de manifestações (linguística, religiosa, artística, social, política), que integram a história do negro no Brasil (NASCIMENTO, 2008), podemos pensar a atuação e o lugar da mulher negra brasileira e sua identidade social a partir da perspectiva de sua própria trajetória.

Para Bonfim (2008), esse objetivo implica entender “sua enunciação no discurso milenar da história da humanidade” (BONFIM, 2009, p. 245)ⁱⁱ, que se desenharia no refazimento em uma ordem civilizatória oposta àquela que lhes deu origem como seres sociais. A noção de identidade implicada é contraditória e explica a diversidade de posicionamentos que contribui com a subalternização e obriga a mulher negra à dominação racial, ao mesmo tempo que motiva a polimorfia das práticas de resistência.

Flávio Gomes (2018), ao provocar sobre a inserção de intelectuais negros/as em espaços cercados de exclusão, considera válido o exercício analítico de acompanhar trajetórias que revelam projetos e memórias de intelectuais e que até hoje se defrontam com esse desafio. Para ele, “homens e mulheres que inventaram mundos de ideias para organizar seus próprios pensamentos” (GOMES, 2018, p. 7) acabam por refundar a modernidade, oferecendo *sub-textos*ⁱⁱⁱ de projetos de nação.

Sob este prisma, verificamos a obra de Carolina Maria de Jesus que, ao desafiar os sistemas de dominação legitimadores do cânon literário, mostra a força de narrativas outras em relação à formação da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que nos traz a realidade imposta às mulheres negras cujo processo histórico de hierarquização as aprisionou como trabalhadoras escravizadas e/ou objetos de dominação masculina.

Prejudicadas pelo racismo estruturante, em que “a mulher negra é a mais explorada” (THEODORO, 2008, p. 90), as mulheres negras experimentam as vivências de subalternização dupla, como mulher e como negra, que tem na instrumentalização da interseccionalidade de opressões de raça, gênero e classe as formas de manutenção das desigualdades, em uma sociedade patriarcal de supremacia branca.

Porém, essa condição não se dá de maneira pacífica, mas entrecortada a partir de diferentes estratégias, práticas e “gramáticas da resistência” (FREITAS, 2013). Nelas se formam subterraneamente contradiscursos que lhes permitem tecer uma história dos desvios (NASCIMENTO, 2008). É a partir dessa perspectiva que entendemos a práxis de Carolina de Jesus.

Nesse contexto, emerge a necessidade de pensarmos seu papel contra hegemônico, articulado a saberes que rompem com pressupostos historicamente estabelecidos nos quais o corpo colonizado, tido como incapaz de gerar conhecimento e, portanto, subalternizado

pela colonialidade, se torna central para uma reelaboração dos modos de ser e pensar, capazes de desestabilizar o *status quo* vigente.

Carolina de Jesus: literatura, cultura e espaço simbólico

O lugar^{iv} da escritora Carolina de Jesus favorece a transformação ao apresentar aos grupos subalternos o caráter capacitador de suas experiências (COLLINS, 1990) e, diante disso, podemos refletir sobre como as propostas epistemológicas de grupos subalternizados imprimem novas formas de superação do paradigma da modernidade.

Este artigo tem como pressuposto a compreensão de que a formação sócio histórica brasileira forneceu instrumentos para a produção e reprodução das desigualdades, sendo os subalternizados impelidos a traçarem estratégias que garantissem sua manutenção física e espiritual no qual as mulheres negras constituem-se enquanto cruciais em seus esforços de diminuição e superação destas disparidades. A partir dessa realidade, pretendemos apreender o papel das vivências para a formulação de um *self* (COLLINS, 2016) sensível às questões da realidade de “nossa sujeita”, potencializando estratégias de enfrentamento ao epistemicídio^v ao qual as mulheres negras foram historicamente submetidas. Ao olharmos a autora e sua obra sob a perspectiva de seu próprio olhar crítico, “oposicional” (hooks, 2017), ao invés do lugar monolítico, de vulnerabilidade, percebemos que

Os espaços do agenciamento existem para pessoas negras, na medida em que podemos tanto interrogar o olhar do Outro quanto olhar em retrospectiva, e também olhar um para o outro, nomeando o que vemos. O “olhar” foi e é um local de resistência para pessoas negras colonizadas, em escala global. Os grupos subordinados nas relações de poder aprendem, por experiência, que existe um olhar crítico que “olha” para documentar, e que é oposicional. Na luta da resistência, o poder do dominado para afirmar o agenciamento, reivindicando e cultivando a “consciência”, politiza as “relações com o olhar” – aprende-se a olhar de certa maneira, para que se possa resistir (hooks, 2017, p.485).

Para hooks, o olhar é um lugar de resistência para pessoas negras colonizadas e esse mesmo olhar pode ser documentado por aquele que é dominado e assim construir seu agenciamento e consciência. Carolina de Jesus **243** muda-se para São Paulo em 1947, em meio a transformações que não atingiriam as camadas populares da sociedade, principalmente os negros, que ainda desenvolviam estratégias de sobrevivência frente às novas formas de exclusão e exploração.

Flores e Souza (2018), ao buscarem a relação entre experiência e narrativa para, através da escrita de Carolina Maria de Jesus, compreender algumas das dinâmicas sociais no contexto entre 1945 e 1964, período de elaboração e divulgação de parte dos diários que se tornaram o *best seller*^{vi} da autora, observam que

De um lado, tem-se o relato da experiência na favela que dá ensejo a uma reflexão sobre o processo de modernização e os impactos das políticas trabalhistas no cotidiano das

camadas mais pobres que afluíam para as grandes cidades, como também sobre os novos processos culturais que se abrem com as trocas possibilitadas entre a cultura popular e erudita, especialmente na cidade, espaço em que se dinamizam informações, mobilizam populações e bens culturais. Igualmente, pode-se refletir sobre as possibilidades e limites da participação política desses novos sujeitos que entram em cena no contexto da democratização e da “invenção do trabalhismo” (FLORES; SOUZA, 2018, p. 167).

Entre o fim da “Era Vargas” e o início da segunda República, Carolina Maria de Jesus, mulher negra que viveu com seus três filhos (João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima) na favela do Canindé^{vii}, inicia a escrita de suas memórias, trazendo reflexões políticas, sociais e raciais, em cadernos encontrados no lixo que recolhia nas ruas da capital. Essas memórias darão origem ao seu primeiro livro publicado em 1960, “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, que podemos compreender como uma literatura memorialista que fala tanto de si, como de um coletivo. Nesse sentido,

cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [que] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios [...] quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 51 *apud* COSTA; ALVES, 2010, p. 203).

Situado em um espaçotempo^{viii} que estrutura seu universo particular, “Quarto de despejo” marca o olhar oposicional da autora, que está imerso em suas obras, tanto ao perceber

e analisar o “Outro”, como também a si mesma, cujas narrativas de denúncia foram foco da mídia, dos escritores e consequentemente do público.

De acordo com Gomes (2009), vivemos um tempo de trocas culturais múltiplas e aceleradas no qual os estudos relativos a questões de exclusão socioeconômica, cidadania e nacionalidade, assim como a etnicidade e sua produção cultural passam pelo exame dos “colonialismo(s)/imperialismo(s)” em suas diversificadas formas de imposição e legados.

Assim, “ganha crescente visibilidade a contribuição crítica e estética de cânones alternativos - como a expressão das ditas minorias, dentre as quais a afrodescendente, em suas múltiplas delineações de tantas ordens” (GOMES, 2009, p. 20). A arte elaborada a partir de uma identidade territorializada ganha um significado que corrobora com a ascensão de outras vozes na literatura brasileira a partir de Carolina de Jesus. Para Haesbaert (2007) essa identidade se trata,

De uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade *parte* do ou *transpassa* o território (HAESBAERT, 2007, 178, grifo do autor).

Ainda na lógica elaborada por Haesbaert podemos pensar a identidade forjada a partir do “quarto de despejo”, enquanto produto e produtor de identidades, o ter ou o ser do grupo

social (HAESBAERT, 2007), segundo o qual as identidades se situam frente ou em um espaço simbólico, social e historicamente produzido e profundamente envolvido no processo de representação, localizadas no espaço e no tempo simbólicos (HALL, 2001).

Nessa direção, sugere-se que a “poética do espaço” (BACHELARD, 1978), concepção do filósofo Gaston Bachelard, guarda afinidade com o sentido que a autora atribui ao cenário do “despejo”, a representação de um Brasil da miséria, exposto junto com a crítica social feita pela autora,

Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome! (JESUS, 2007, p. 32).

Essa poética está além do permitido pelo cânon literário nacional, o que não impede que se torne um sucesso planetário, que expressa as aflições dessa mulher em diáspora (HALL, 2013; GILROY, 2012), visibilizando suas inquietações, o que dá sentido à sua versão da história. Carolina de Jesus focaliza traços de uma vertente literária autobiográfica da mulher negra, através da manifestação de suas subjetividades e evidencia protagonismo do discurso sobre si, mas ao fazê-lo, remete simultaneamente à coletividade:

Esquecendo eles que eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2007, p. 65).

E demonstra que a “literatura negra se traduz pelo desejo de construir uma imagem positiva do negro”, cujo conector privilegiado, “relaciona os textos em uma dimensão supranacional e supralinguística” dando à literatura negra esse fator de articulação (BERND, 1992, p. 275). Assim, pode ser pensada também em termos de uma literatura que extrapola a territorialidade, se tornando a voz da diáspora no mundo e a expressão literária da coletividade negra, manifestando a complexidade do Continente, renovando a cada geração, mas sem deixar de ter profundas ligações com o passado, que é o que lhe dá sentido.

Podemos compreender o fragmento citado sob a perspectiva de autodefinição e autoavaliação proposta por Hill Collins (COLLINS, 2016), que consiste basicamente em desafiar as imagens estereotipadas construídas sobre mulheres negras^{ix} no decorrer dos tempos, pela história, mídia e senso comum (autodefinição) e, através disso enfatizar imagens autênticas dessas mulheres negras dentro de suas realidades e comunidades (autoavaliação).

A construção positiva e autêntica que Carolina tem de si, mesmo diante dos estereótipos construídos sobre o ser negro e antes

dos discursos de afirmação identitária que chegam ao Brasil depois do movimento *Black is beautiful*, iniciados nos Estados Unidos na década de 1960, apresenta ao mundo uma resposta orgulhosa de seus traços fenotípicos, que resignificavam sua estética a partir de suas inquietações.

Segundo Assis (2014), Carolina Maria de Jesus nunca quis ser uma liderança política ou ativista negra, era apenas poetisa e usava a escrita para escapar da sua dura realidade, mas se tornou “um símbolo da luta das mulheres negras e pobres por sobrevivência, respeito e humanidade” (ASSIS, 2014, p. 52). Para a autora, a obra de Carolina de Jesus pode ser vista como um ponto de encontro entre a literatura negra e a literatura marginal/periférica que traduziu o debate racial, desenvolvido entre intelectuais, artistas e ativistas negros, para a linguagem dura de quem vive a realidade que aqueles grupos tentavam mudar.

De acordo com Raffaella Fernandez (2014),

o modo inaudito como Carolina de Jesus utiliza a vírgula e a acentuação, valendo-se desses recursos linguísticos, de maneira aparentemente aleatória, quando buscava frisar algo que desejava dizer, cedendo lugar a outra gramática, derivada de interessantes desvios que mostram os fragmentos do corpo marginal que fala, se autoficcionalizando fora dos textos padronizados, muitas vezes discutindo suas “escrevivências” nos momentos mesmos em que seus escritos se tornam diários de gênese (FERNANDEZ, 2014, p. 13).

Se a língua é “um território onde nos transformamos em sujeitos” (hooks, 2013, p.

224) é também a partir de seu uso que se pode transpor a teia colonial, se convertendo em instrumento de subversão em favor dos grupos oprimidos. bell hooks, ao tratar da língua como algo incontrolável, nos mostra que pode se tornar um instrumento de resistência. Ao refletir sobre o que chamou de “vernáculo negro” norte-americano, a autora exemplifica como através da transformação da língua do opressor, os negros criaram uma fala íntima que podia dizer muito mais do que as fronteiras do inglês padrão permitiam. Para ela,

O poder dessa fala não é simplesmente de possibilitar a resistência à supremacia branca, mas também o de forjar um espaço para a produção cultural alternativa e para epistemologias alternativas – diferentes maneiras de pensar e saber que foram cruciais para a criação de uma visão de mundo contra hegemônica. É absolutamente essencial que o poder revolucionário do vernáculo negro não seja perdido na cultura contemporânea. Esse poder reside na capacidade do vernáculo negro de intervir nas fronteiras e nas limitações do inglês padrão (hooks, 2013, p. 228).

246

Assim, Carolina de Jesus nos mostra no “uso incorreto das palavras, na colocação incorreta das palavras”, seu “espírito de rebelião, que tomava posse da língua como lugar de resistência” (hooks, 2013, p. 226). Desde a chegada neste continente, as mulheres e os homens negros viram a necessidade de traçar estratégias que lhes possibilitassem lutar por sua sobrevivência e por liberdade.

No pós-abolição, foram obrigados também a lutar por direitos, pois apenas o estatuto jurídico de homens e mulheres livres

não lhes garantiram acesso aos bens sociais e, portanto, o direito à cidadania. Esse viés de luta por cidadania aparece com muita força nas obras da autora Carolina Maria de Jesus que, enquanto lutava pela sobrevivência e sonhava com uma vida melhor, retratava sua realidade em seus diários, cheios de críticas sociais e uma aguçada visão da realidade, traduzindo o que é ser negra e pobre no Brasil.

Carolina e sua obra: transpondo o cânon

Carolina de Jesus ficou mundialmente conhecida por sua obra “Quarto de despejo: o diário de uma favelada” (JESUS, 2007), publicado pela primeira vez em 1960, traduzido para treze idiomas e distribuído em cerca de quarenta países, com mais de um milhão de cópias vendidas, *best seller* no Brasil e no exterior. De acordo com Geny Guimarães (2014),

Como escritora, fato concreto e inquestionável, Carolina superou em muito o dito canônico que não a reconheceu como tal e ainda hoje reluta em fazê-lo. Ao estreitar publicamente com o livro Quarto de Despejo, em 1960, resultado de seu diário manuscrito (temido por sua vizinhança) mexeu com as bases da construção da Literatura nacional, por isso sua obra foi um sucesso, mas não foi absorvida, talvez a palavra que se encaixe melhor seja digerida.

Ainda, a autora nos fala que ocorreu uma tentativa de silenciamento de Carolina e sua obra, a princípio pelo não reconhecimento de seu diário como literatura, fato que, para ela, se estendeu ao longo dos anos entre vários críticos

literários e pesquisadores. A autora assinala vários possíveis motivos para esse acontecimento e conclui que a escrita de Carolina de Jesus foi subjugada por ter sido considerada menor.

As obras canônicas passam por instâncias legitimadoras com um forte viés eurocêntrico, o que pode explicar, em parte, a não aceitação das obras posteriores de Carolina de Jesus, mas sua obra principal ultrapassou essas barreiras na medida em que colocou a nu uma face de Brasil que não poderia mais ser escondida. Com o movimento do Cinema Novo e obras literárias que demonstravam a pobreza do Nordeste, as favelas ficaram em evidência e mostravam o outro lado das grandes cidades, assim, a obra de Carolina se encaixa em um contexto maior das artes brasileiras.

Para Reis (1992), no interior de qualquer formação cultural as camadas dirigentes se valem de diversas formas discursivas e as transformam em ideologia para assegurar seu domínio. O autor sugere que por trás de noções como linguagem, cultura, escrita e literatura, se esconde a noção de poder e completa dizendo que, para trabalhar com o conceito de *cânon* é importante ter em mente este horizonte, “pois o que se pretende, ao se questionar o processo de canonização de obras literárias é, em última instância, colocar em xeque os mecanismos de poder a ele subjacentes” (REIS, 1992, p. 68). Assim,

Não resta dúvida de que existe um processo de escolha e exclusão operando na canonização de escritores e obras. O cânon está a serviço dos mais poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social e funcionando como uma ferramenta de dominação. Para desconstruir esse processo sem dúvida ideológico, faz-se necessário problematizar sua historicidade. Quer dizer: não se questiona o cânon simplesmente incluindo um autor não ocidental ou mais algumas obras escritas por mulheres. Um novo cânon decerto não lograria evitar a reduplicação das hierarquias sociais. O problema não reside no elenco de textos canônicos, mas na própria canonização, que precisa ser destrinchada nos seus emaranhados vínculos com as malhas do poder (REIS, 1992, p. 73).

Para o autor, o que é problemático é a própria existência de um cânon, de uma canonização que reduplica as relações injustas que compartimentam a sociedade. É também fundamental, segundo ele, lançar mão de outros paradigmas de leituras, estabelecendo o contexto histórico como solo de interpretação. Para ele, está em jogo uma estratégia de leitura que seja capaz de fazer emergir as diferenças, em particular aquelas que conflitem com os sentidos que foram difundidos pela leitura canônica, responsável em última análise pela consagração e perenidade dos monumentos literários e via de regra reforçadora da ideologia dominante, subvertendo, desse modo, a hierarquia embutida em todo o processo.

Já Pessanha (2013), nos alerta que a omissão sistemática das camadas socialmente desfavorecidas como portadoras de um discurso próprio tem profundas implicações ideológicas (PESSANHA, 2013, p. 282). Para a autora existe a necessidade de dar visibilidade ao negro na

literatura brasileira e de manifestar nosso interesse em valorizar sua presença nas produções literárias não como simples objeto, mas como sujeitos de seu discurso e de sua identidade. Segundo ela, do silenciamento, dos sussurros e dos gritos, há histórias que precisam ser desveladas para que se alcance a epopeia da negritude (*Idem*). Nesse sentido,

Nem por um momento devemos subestimar ou negligenciar a importância do ato de redescoberta imaginativa implicada nessa concepção do reconhecer de uma identidade essencial. As “histórias ocultas” desempenharam papel fundamental no surgimento dos mais importantes movimentos sociais de nossa época – feminista, o anticolonialista, o antirracista (HALL, 1996, p. 69).

Se, como sugere Carvalho (2001),²⁴⁸ devemos acrescentar algo próprio aos esforços dos indianos, africanos, árabes e oceânicos, em vez de reproduzir seu estilo de crítica à condição subalterna de um modo mecânico e a-histórico (CARVALHO, 2001, p. 134) e, tendo em vista as especificidades da historicidade da colonialidade brasileira, o lugar das mulheres negras na formulação e reformulação das resistências, a literatura brasileira contemporânea tem, na escritora Carolina de Jesus e tantos outros escritores, demonstrado o protagonismo do discurso sobre si e as mulheres negras enquanto representativas da voz subalterna brasileira.

Considerações finais

Através de sua experiência, Carolina Maria de Jesus desnuda a história silenciada dos que se encontram à margem, rompendo com a subalternidade que lhe foi imposta e aí está sua singularidade. Ela fala ao grande público e rompe com a barreira imposta pela falta de recursos. Ao criar a oportunidade de expor sua obra ao mundo, acaba por contribuir com os espaços simbólicos de crítica contra o cânon alicerçado na colonialidade.

Assim, os diferentes espaços de atuação das mulheres negras transbordam o território e se articulam de diversas formas, nos mostrando a necessidade de problematizar as diferentes estratégias de desconstrução da universalidade/neutralidade que se cristalizaram a partir da colonialidade do saber (LANDER, 2005). Para Hill Collins (2016), o fato de mulheres negras terem ocupado posições marginais na produção do conhecimento as tornaram capazes de refletir a partir de um ponto de vista especial. Ponto de vista esse que subsiste à autodefinição e autoavaliação também propostas por Collins, e o olhar oposicional de hooks, segundo o qual tal olhar é possível somente por essas mulheres negras, Carolinas que trazem dentro de si “um anseio rebelde” (hooks, 2017) que não somente observam o mundo como, acabam por modificá-lo.

Carolina de Jesus foi vitoriosa nesse movimento e talvez nunca tivesse imaginado a proporção e a importância que sua obra alcançaria, acabando por inspirar cada vez mais estudos baseados em suas obras, e a resistência à

opressão que traz no exemplo de “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (JESUS, 2007) a possibilidade de outras vozes, que tem como ponto comum essa inconformidade com as verdades estabelecidas.

Ao romper com o lugar imposto à mulher negra, Carolina também não se embranqueceu, e se tornou uma fonte de inspiração para as mulheres negras brasileiras em toda sua diversidade: faveladas, acadêmicas, donas de casa e, acima de tudo, sua obra está inscrita e reconhecida pela intelectualidade negra brasileira, que a cada dia rememora sua vida e seus escritos.

Transmitir as lutas e aflições do afrodescendente na língua do colonizador acabou por imprimir a possibilidade de se reconhecer interlocutor de um grupo que, se tinha um passado não tão comum por se tratar de grupo étnico distinto, acabou por identificar-se na luta contra as opressões sofridas na diáspora. Refletir sobre o modo de ser africano estando no Brasil nos faz pensar em toda essa inquietação transmitida pelos autores e a possibilidade de empoderamento através do passado comum.

Ser da diáspora se transformou em um legado de luta contra a opressão de todos fora da África. “Tal concepção de identidade cultural desempenhou papel fundamental em todas as lutas pós-coloniais que modificaram tão profundamente a forma de nosso mundo” (HALL, 1996). Essa tradução, que pode ser pensada como a transcrição de todo um modo de ser, é a reinvenção da escrita preta, com suas

peculiaridades e as possibilidades de estar em seu lugar e ao mesmo tempo em um não lugar, um lugar em disputa.

No caso de Carolina de Jesus, a escrita foi um instrumento de resistência, uma das expressões que possibilitaram esse retorno do ser africano e que vai aparecer em diversos textos de poetas afrodescendentes; a manutenção de toda uma forma de pensar a vida dos negros e, nesse sentido, permitir a afirmação da identidade diaspórica coletiva, mesmo que na adversidade, acabando por quebrar a invisibilidade criada por uma “única história” (ADICHIE, 2009), para transformá-la na história de luta contra a dominação a partir do entrelaçamento entre o saber literário e o histórico.

Carolina de Jesus foi vitoriosa nesse movimento acabando por inspirar resistência à opressão que traz, no exemplo de “Quarto de Despejo”, a possibilidade de outras vozes, que têm como ponto comum a inconformidade com as verdades estabelecidas. Ao romper com o lugar periférico destinado à mulher negra, Carolina se tornou um dos mais fortes ícones das narrativas de resistência.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. “O perigo de uma única história”. **Conferência Anual – TED Global**. OXFORD: Reino Unido. A Essência das Coisas Não Visíveis, Julho/2009.

ALVES, N. “Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos”. **Teias**: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, 2003.

ASSIS, Mariana Santos de. “Antes de ser mulher, é inteira poeta: Carolina e o cânone Literário”. In: FERNADEZ, D; FERNANDEZ, R (Orgs.). **Onde estaes Felicidade?** - Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

BACHELARD, G. “A poética do Espaço”. In: PESSANHA, J. A. M. (Org.). **Filosofia do não: O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção: Os pensadores.

BERND, Z. “Literatura Negra”. In: JOBIM, L (Org.). In: **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1992.

BONFIM, V. “A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas”. In: NASCIMENTO, E. L (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BORIS, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARVALHO, J. J. “O olhar etnográfico e a voz subalterna”. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 7, n. 15, 107-147, 2001.

CARVALHO, N. S. “Contra a invisibilidade política e luta do negro por representação”. In: ZITO, J.; PINTO, A. F. M. [et al.]. **O negro na TV pública**. 2ª ed. Brasília: FCP, 21012.

COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. In: **Revista**

- Sociedade e Estado**, Brasília, Volume 31, Número 1, p. 99-127, 2016.
- COSTA, J. C.; ALVES, L. K. “Representações da memória na literatura e na cultura”. In: **Investigações** (UFPE. Impresso), v. 23, p. 187-210, 2010.
- DOMINGUES, P. “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos”. In: **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, p. 113-136, 2007.
- FLORES, E. C; SOUZA, A. A. “Meus irmão na cor: trajetória, experiência e autoria negra na obra de Carolina Maria de Jesus (1914-1977)”. In: **Revista ABPN**, v. 10, n. 25, 2018.
- FREITAS, Henrique. “Dez-a-fios epistemológicos para literaturas africanas no Brasil”. In. Santos, J. H. F; Riso, R. **Afro-Rizomas na Diáspora Negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira**. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.
- GOMES, F. “Reflexões e projetos: para um pensamento negro nos séculos XIX-XXI”. In: **Revista ABPN**, v. 10, n. 25, 2018.
- GUIMARÃES, G. F. “Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder”. In: FERNANDEZ, D; FERNANDEZ, R. (Orgs.). **Onde estaes Felicidade?** - Carolina Maria de Jesus. - São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.
- HAESBAERT, R. “Identidades Territoriais”. In: ARAUJO, F. G. B; HAESBAERT, R. (Orgs.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Acess, 2007.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.). 2Ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. - 5Ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. “Identidade Cultural e Diáspora”. **Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n.24, p. 68-75, 1996.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- _____. “O olhar oposicional: espectadoras negras”. In: BRANDÃO, I; CAVALCANTI, I; COSTA, C. L; LIMA, A. C. A. (Org.). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, p. 483-509, 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 9ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- NASCIMENTO, B. “O conceito de quilombo e a resistência Afro-brasileira”. In: NASCIMENTO, E. L. **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- OLIVEIRA, I. “A construção social e histórica do racismo e suas repercussões na educação contemporânea”. In: OLIVEIRA, I [et. alli] (Org.). **Cadernos Penesb – Periódico do programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF**, n. 9 – Ed.

Alternativa/EdUFF. Rio de Janeiro/Niterói, 2007.

_____. “Educação e população negra: uma análise da última década (1999-2009)”. **Relações raciais no contexto social, na educação e na saúde: Brasil, Cuba, Colômbia e África do Sul**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

PESSANHA, M. M. J. “O negro na Literatura”. In: OLIVEIRA, I. [et. alli] (Org.). **Cadernos Penesb – Periódico do programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF**, n. 12 – Ed. Alternativa/EdUFF. Rio de Janeiro/Niterói, 2013.

REIS, R. “Canôn”. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

SANTOS, J. R. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVA, T. D. “Mulheres Negras, Pobreza e Desigualdade de Renda”. In: MARCONDES, M. M [et al.] (Orgs.). **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

STOELZLER, M; YUVAL-DAVIS, N. “Stanpoint theory, situated knowledge and the situated imagination”. **Feminist theory**, p. 315-333, 2002. Disponível em: <<http://fty.sagepub.com/cgi/content/abstract/3/3/315>>. Consulta 05 jun 2019.

THEODORO, H. “Mulher negra, cultura e identidade”. **Guerreiras da natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NOTAS

ⁱ Doutoranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), possui Mestrado em Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Pós-graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ (2016), Especialização em Educação e Relações Raciais pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (2015) e Graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013). Áreas de Conhecimento: História, Educação e Relações Raciais, atuando principalmente nos seguintes temas: mulher negra, direito à cidade, políticas públicas, desigualdades raciais e de Gênero; educação para as relações raciais.

ⁱⁱ A autora acredita que o lugar onde as mulheres negras se forjaram, remete a dois períodos de seu curso histórico: recente, de subalternização; e ao período milenar, marcado por um papel de centralidade social e, assim, as mulheres africanas, tornadas negras brasileiras e subalternizadas por seu gênero e sua raça e pela condição de escravizada, constituíram uma identidade contraditória.

ⁱⁱⁱ Grifo do autor.

^{iv} Compreende um conjunto material na realização de relações sociais, um modo ou entendimento do mundo e que diz respeito à significação e experiência concreta no mundo (HAESBAERT, 2014). Para pensar Carolina de Jesus, podemos fazer dialogar essa definição de lugar e a ideia de imaginação situada de Stoetzler e Yuval-Davis (2002). Para eles, “imaginação situada” é entendida como um componente crucial da *standpoint theory*, que tem duas relações contraditórias com o conhecimento: um que *constrói* seus significados e o outro que se *estende e transcende-o* (grifos dos autores). Nela, a imaginação é vista como individual e coletiva, cujo processo dialógico proporciona a construção do conhecimento. Assim, “imaginação é ao mesmo tempo uma categoria de epistemologia e de sociedade, que liga o conhecimento à agência social (social como corpóreo) e experiência” (STOETZLER; YUVAL-DAVIS, 2002, p. 324).

^v Definido por Santos (1998) como “el proceso político-cultural a través del cual se mata o destruye el conocimiento producido por grupos sociales subordinados, como via para mantener o profundizar esa subordinación. Historicamente, el genocídio há estado com frecuencia asociado al epistemicídio” (SANTOS, 1998, p. 208).

^{vi} Além de sua obra mais conhecida, “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, a autora publicou, ainda em vida, mais três livros; “Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada”, “Pedaços da fome” e “Provérbios”. Após sua morte em 1977 aos 62 anos de idade foram publicados; “Diário de Bitita”, “Meu estranho diário”, “Antologia pessoal”, “Onde estaes felicidade?” e “Meu sonho é escrever”.

vii Ocupação iniciada nos anos 1950, se localizava às margens do Rio Tietê, na cidade de São Paulo. Não existe mais.

viii No sentido utilizado por Alves (2003).

ix Patricia Hill Collins propõem e trabalha com essa categoria de análise pensando a realidade de mulheres afro-americanas, mas neste momento estamos fazendo uma leitura para a realidade de mulheres afro-brasileiras.

Recebido em: 27/07/2019.

Aprovado em: 25/08/2019.

Publicado em: 31/08/2019.